

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)


Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-457-3

DOI 10.22533/at.ed.573200710

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas relacionadas aos direitos humanos, democracia, cidadania, racismo, migrações e territórios.

Dialéticas Marxistas dão base para análises da prática profissional do serviço social, violação dos direitos humanos como meio de compreensão do fenômeno da pobreza (e os desafios do exercício da cidadania por pessoas em situação de rua) e práticas educativas apoiadas nos direitos humanos para a convivência com a diversidade no ambiente escolar. Colaboram, também, com as análises voltadas a um projeto educacional aplicado como ferramenta para que crianças se assimilem aos lugares de resistência ancestral de forma positiva; e sobre a relação da juventude com a alienação política. Precedendo a observação sobre como a formação continuada docente colabora com a promoção de mudanças metodológicas no ensino e, por consequência, nas mudanças de aprendizado.

Na sequência, relações de poder de ideologia patriarcal e as lutas das mulheres abrem espaço para os debates feministas e os papéis de esteio feminino nas sociedades – desde debates revolucionários à temáticas de saúde pública e autocuidado.

Performance e psicologia analítica são abordados na construção do personagem fictício e aplicados em projetos de combate à violência contra a mulher.

Reflexões de caráter antropológico e a contextualização da origem da imprensa alternativa homossexual são apresentados para o entendimento sobre a percepção de sujeitos gays negros frente à sociedade.

Além da compreensão de uma perpetuação de um estereótipo embranquecido – pano de fundo para o marketing de empreendimento imobiliário na formação do imaginário social na cidade de São Paulo.

Os capítulos finais abordam o estigma social, preconceito e desvalorização humana de profissões relacionadas à coleta de lixo; além do recorte local de um processo migratório global causador do aumento da população vulnerável em todo o planeta.

Na esteira das relações migratórias de fronteira, apresentamos como as representações sociais de identidades culturais podem reforçar, de maneira positiva, identificações entre nações.

Trata-se ainda, sobre o multiculturalismo e peculiaridades do campo; sob análises do processo histórico no qual o conceito de propriedade se cunhou; territórios e resistências na construção de comunidades e sobre a luta e libertação do colonialismo.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SERVIÇO SOCIAL E TEORIA MARXIANA: HISTÓRIA, SUPERAÇÕES E CONTINUIDADES Nathália Pereira Prado Solange Fernandes DOI 10.22533/at.ed.5732007101	
CAPÍTULO 2	16
A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS E OS PROCESSOS DE VIOLAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA Gustavo Júnior Andrade dos Reis Robert Henrique Sousa Dantas Paulo Sérgio Araújo DOI 10.22533/at.ed.5732007102	
CAPÍTULO 3	25
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL ALDENIRA NUNES NO MUNICÍPIO DE FLORIANO-PI Sandra Muniz Vieira DOI 10.22533/at.ed.5732007103	
CAPÍTULO 4	38
REVERBERANDO O LUGAR DA PEQUENA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ATRAVÉS DO PROJETO: AFRICANIDADES E BRASILIDADES Marivania Xavier Cavalcanti Costa DOI 10.22533/at.ed.5732007104	
CAPÍTULO 5	49
PROTAGONISMO JUVENIL OU ALIENAÇÃO: DILEMAS DO COTIDIANO E INTERAÇÕES NO CAMPO POLÍTICO José Silon Ferreira Aloisio Ruscheinsky DOI 10.22533/at.ed.5732007105	
CAPÍTULO 6	62
ESTUDO SOCIOINTERACIONAL DO DISCURSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DF EM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA Vera Lúcia Godinho Carneiro DOI 10.22533/at.ed.5732007106	
CAPÍTULO 7	73
APONTAMENTOS SOBRE PATRIARCADO, MOVIMENTOS FEMINISTAS E DIREITOS DAS MULHERES CUBANAS PÓS-REVOLUÇÃO Rita de Cassia Krieger Gattiboni Rosângela Angelin DOI 10.22533/at.ed.5732007107	

CAPÍTULO 8	85
SAÚDE E SABERES DAS MULHERES EM CONTEXTO RIBEIRINHO	
Priscila Freire Rodrigues	
Lígia Costa de Sousa Nogueira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.5732007108	
CAPÍTULO 9	101
NÓS - TEATRO DAS OPRIMIDAS E A (DES) NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES	
Michelle dos Santos Lomba	
DOI 10.22533/at.ed.5732007109	
CAPÍTULO 10	116
O MUNDO ÍNTIMO DOS ARTISTAS: SANIDADE OU LOUCURA SOB O VIÉS JINGUIANO	
Andréa Hamminni Pires da Silva Avila Franquetto	
Carla Barcelos Nogueira Soares	
João Carlos de Aquino Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.57320071010	
CAPÍTULO 11	128
QUESTÕES DE (DES)GOSTO: NOTAS REFLEXIVAS SOBRE MASCULINIDADE, NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E AFETO	
Vinicius Luis Pires Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.57320071011	
CAPÍTULO 12	140
A EUGENIA NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE OS ANOS DE 1988-1990 ATRAVÉS DO JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO”	
Bolají Alves Matos de Paula Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.57320071012	
CAPÍTULO 13	151
O CANTO DAS SEREIAS: IMAGENS DO HABITAR NA CIDADE DE SÃO PAULO SOB O CAPITALISMO FINANCEIRO	
Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro	
Fábio Lopes de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071013	
CAPÍTULO 14	167
O GARI E O CATADOR COMO TRABALHADORES <i>OUTSIDERS</i> E A ESTIGMA SOCIAL	
Kayo Henrique Duarte Gameleira	
Thallys Emanoell Pimenta de Freitas	
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.57320071014	

CAPÍTULO 15	180
REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO MIGRATÓRIO DOS VENEZUELANOS PARA O BRASIL	
Lucelaine dos Santos Weiss Wandscheer	
Flávia Candido da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.57320071015	
CAPÍTULO 16	194
A REAFIRMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA AMIZADE URUGUAIO-BRASILEIRA NO TELEJORNALISMO E NO IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.57320071016	
CAPÍTULO 17	208
IMPLICÂNCIAS E SILÊNCIOS DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO LINGUAJAR CAMPEIRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.57320071017	
CAPÍTULO 18	226
A PROPRIEDADE DA TERRA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	
Lorenzo Giovanni Gava	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.57320071018	
CAPÍTULO 19	234
GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E QUILOMBOS: OS DESAFIOS NO DEBATE DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS	
Maria Pricila Miranda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071019	
CAPÍTULO 20	244
PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA ÁFRICA LUSÓFONA: AMÍLCAR CABRAL E O MOVIMENTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE	
Cam-naté Augusto Bissindé	
DOI 10.22533/at.ed.57320071020	
SOBRE O ORGANIZADOR	260
ÍNDICE REMISSIVO	261

CAPÍTULO 5

PROTAGONISMO JUVENIL OU ALIENAÇÃO: DILEMAS DO COTIDIANO E INTERAÇÕES NO CAMPO POLÍTICO

Data de aceite: 01/10/2020

Data da submissão: 12/08/2020

José Silon Ferreira

Universidade do Vale dos Sinos-UNISINOS
São Leopoldo- RS
<http://lattes.cnpq.br/5358764327787004>

Aloisio Ruscheinsky

Universidade do Vale dos Sinos-UNISINOS
São Leopoldo- RS
<http://lattes.cnpq.br/0364210650396629>

RESUMO: Este artigo integra uma investigação mais ampla sobre juventude, democracia e participação política. Essa temática suscita especial interesse pela imagem construída de uma juventude alienada à cultura de consumo, conectada pelas redes sociais e às novas tecnologias. Porém, apartada das questões políticas e sociais torna-se um alvo de críticas da mídia e de textos acadêmicos. O objetivo consiste em descortinar características a respeito dos processos no cotidiano, em contato com as redes de interface e mecanismos organizacionais. Do ponto de vista metodológico nos interrogamos se os jovens seriam a geração que se encontra diante de uma herança cultural estável pelas suas regras e instituições, em particular a escola? A educação como processo e a luta pela realização pessoal soam como descoberta de sujeito de direito e de reciprocidade. Se lutar também é educar, o inverso soa sociologicamente como educar é lutar! Há razões para se afirmar

o significado de um sujeito de direitos e as respectivas conflitualidades.

PALAVRAS - CHAVE: Juventudes, participação, Democracia, Integração social, Educação.

YOUTH PROTAGONISM OR ALIENATION: DAILY DILEMMAS AND INTERACTIONS IN THE POLITICAL FIELD

ABSTRACT: This article integrates a broader investigation into youth, democracy and political participation. This theme raises special interest for the constructed image of a youth alienated from consumer culture, connected by social networks and new technologies. However, apart from political and social issues, it becomes the target of criticism from the media and academic texts. The objective is to discover characteristics about the processes in everyday life, in contact with the interface networks and organizational mechanisms. From a methodological point of view, we wonder whether young people are the generation that is facing a cultural heritage stable by its rules and institutions, in special the school? Education as a process and the struggle for personal fulfillment sound like the discovery of a subject of law and reciprocity. If fighting is also educating, the converse sounds sociologically as educating is fighting! There are reasons to affirm the meaning of a subject of rights and the respective conflicts.

KEYWORDS: Youth, Participation, Democracy, Social integration, Education

Os jovens de hoje nasceram e desabrocharam em um contexto brasileiro marcado por mudanças no cenário político e cultural: ainda demarcado pelo fim do regime militar no país que, após 21 anos de existência (1964-1985), “legou à nova democracia em formação uma repartição da renda extremamente desigual” (Grosso 2017); ao mesmo tempo a oportunidade de convergência com as inovações tecnológicas, de conhecimento e reconhecimento por meio das conexões digitais como formas de pensar e agir no mundo¹.

A expressividade populacional jovem, situa-se numa conjuntura crítica onde vigem os índices de desemprego e desocupação juvenil no Brasil atual, a disseminação da AIDS e a mortalidade juvenil pela violência, entre outros aspectos. Estas adversidades tornaram a juventude alvo da ação pública nos últimos anos, em especial através de políticas sociais.

A investigação sobre os rituais, as práticas e as trajetórias das juventudes, implica também em destacar estratégias de forjar uma identidade em meio às relações sociais complexas, bem como retomar um olhar sobre práticas quanto ao saber-fazer ou aprimoramento de capacidades como mecanismo fundamental de desalienação (FOLLMANN, 2018).

A ampliação da agenda neste protagonismo ou das reivindicações tem incorporado temas num cenário político que dá espaço para meio ambiente, proteção animal, opções sexuais ou gênero, espaço público, lazer, inovação institucional, inclusão digital, entre outros. Demandas inovadoras têm sido assumidas pelos formatos juvenis, quer de modo individual ou coletivo, razão pela qual se visibilizam como atores qualificados em processos políticos.

Na análise dos dados coletados na investigação levamos em consideração o tempo existencial de pertencimento dos indivíduos e da mesma forma o tempo o universo coletivo, social e histórico. Ao considerar as tendências a mudanças como a permanências embasamos nosso olhar neste capítulo em alguns aspectos: 1) os modos de ler a realidade sobre a participação dos jovens em associações ou na forma de instituições participativas; 2) a participação diversificada em face da realidade no vale dos Sinos, no sul do Brasil.

OS SUJEITOS SOCIAIS E O PODER DAS INTERAÇÕES EM SUAS CIRCUNSTÂNCIAS

As circunstâncias do lugar social evidenciam a vigência de hierarquias sociais, com as respectivas dependências e competências em face de relações com sua força simbólica e política. A categoria de “lugar social do discurso” é de uso por diversos autores, entre eles Certeau (2011) quando este entende que todos os indivíduos e grupos sociais se localizam e se articulam com um lugar dentro da dimensão social, econômica, política e cultural. Em decorrência deste lugar se delinea uma tipologia de visões de mundo, de opções e de interesses.

¹ As reflexões apresentadas neste artigo são parte da Tese com o título: Juventudes e Participação Política: Práticas dos Estudantes do Ensino Médio do Vale Dos Sinos. PPG de Ciências Sociais, Unisinos, 2020.

Pensar a relação de dois temas de grande amplitude Juventude e educação em Direitos Humanos, o conhecimento como experiência e capacidade de ação, bem como ler as relações sociais sintetizam o desafio neste texto. Conforme Gadotti e Torres (1994) um dos princípios originários da educação como compromisso sociopolítico tem sido a criação de uma epistemologia, baseada no respeito pelos múltiplos saberes que trazem os setores subalternos em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir as teorias presentes na prática social. A reconhecida problematização requer por sua vez dimensionar o lugar social, incorporando-lhe um raciocínio rigoroso, científico em que se destaquem as relações múltiplas, o movimento e as contradições. Portanto, trabalhar com estes temas é sempre um desafio na medida em que significa remar contra a corrente dos processos de alienação.

Há, contudo, um paradoxo presente nesta abordagem: alguém que defende os Direitos Humanos não significa que esteja comprometido com os processos educativos de referência no desenvolvimento de capacidades de enfrentamento da alienação. Já o contrário seria um absurdo: Um sujeito não pode se pretender educador crítico em sentido largo (ou de base sociocultural, ou desalienação) sem ser defensor ou compromissado com a agenda dos Direitos Humanos, bem como tratar de forma desigual os desiguais na medida da sua desigualdade (Constituição Federal, 1988). Neste interim adentramos no paradoxo de compreender o princípio da equivalência e paridade, basilar e universal no âmbito dos direitos (i)materiais, como capital cultural e político que consiste em equiparar os supostamente iguais, embora haja igualmente uma outra faceta de procedimentos ao tratar de forma desigual os desiguais.

De todo modo, para compreender as mudanças sociais trabalhar com o conceito de sujeito é importante porque na concepção de Touraine significa o desejo de se tornar ator, e tal, sucede em processos de resistência e de criação. Indivíduos são anulados e não conseguem se tornar atores ou atrizes por sofrerem influências massivas do mercado e de comunidades. É o que Follmann (2018) nomeia do processo de constituição da alienação. Para Touraine

o sujeito não se forma a não ser quando rejeita simultaneamente a instrumentalidade e a identidade. O sujeito pessoal também não pode formar-se a não ser afastando-se das comunidades demasiadamente concretas que impõem uma identidade fundada em deveres mais do que em direitos, insistindo mais na inserção do que na liberdade. Não se pode, no entanto, imaginar que o indivíduo, ao se construir sujeito, possa fechar-se sobre si. Nada seria mais oposto ao sujeito do que o narcisismo. (HAHN, 2008, p. 183)

Se pensamos como poderemos interpretar o indivíduo (Jovem) no transcurso de se tornar sujeito podemos admitir que na educação social há uma dimensão que pode ajudar bastante para o aprofundamento com relação ao tema: a escuta e o acompanhar processos. A tarefa do acompanhamento é fundamental num trabalho de base, em vista

da compreensão da experiência de troca entre sujeitos de um processo de partilha e construção de saberes, que convencionamos chamar de educação.

Para a realização desta tarefa de acompanhamento de construção de saberes parece fundamental a leitura do contexto onde se desenvolve algum trabalho social. Tal tarefa integra com a vida das pessoas do local (comunidade), pode num relacionamento dinâmico a juventude como sujeitos em um diálogo que ultrapassa a dimensão curricular (DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014). De outra feita, nos grupos juvenis, com uma organização de relações horizontais, baseadas no diálogo, há condições que favorecem aprendizados de convivência que contribuem para o desenvolvimento de relações de confiança e de entreajuda, constituindo em mediação importante para a construção de capital social, bem como práticas sociais contestadoras (SEGUNDO; SEVERO, 2019).

Este movimento de percepção para além das aparências parece condição para afiançar um processo de construção de competências. Observando algumas experiências em bairros da cidade, nas interfaces estabelecidas pode-se conferir a existência de conteúdos sobre a afirmação de direitos, de garantias humanas, cívicas e sociais, ao menos no papel. Porém, na maioria das vezes, as pessoas que trabalham estes assuntos desconhecem a complexidade das relações sociais e seus conflitos (ou conhecem superficialmente). No contexto peculiar muitas vezes se julgam temas importantes porque é a visão de mundo das agendas sociais e políticas ou as respectivas metas a cumprir. Talvez seja aí uma constatação de porque alguns setores subalternos se tornam conservadores.

A ideia de processo, mais que de cronograma e metas, permite a descoberta de temas fundamentais dentro dos Direitos Humanos, fruto proximidade ela ganha sentido para a interlocução entre atores. O que é “desumano em suas vidas” comparece como injusto e impede a realização de uma vida integral em todas as dimensões. Claro que só se alça este sentido com a capacidade crítica de ler o contexto local, mas sem esquecer o contexto geral. No olhar ampliado, foca-se o tensionamento dos acompanhamentos.

Nessa ótica, entende-se Touraine (2004) quando afirma que “para mim, as palavras sujeito, movimento social e democracia e contexto social são inseparáveis umas das outras”. Portanto, para o autor o sujeito só pode ser compreendido dentro desta ótica. Na ação social da contemporaneidade os sujeitos se deparam com uma multiplicidade de atores e sem um declínio efetivo das dependências do meio ambiente. Nestas contingências há “pluralidade de sistemas de ação regidos por orientações e regras cada vez mais autônomas” (Dubet & Martuccelli, 1997, p.244). Com frequência as lutas sociais possuem como horizonte uma sociedade ideal, sob inspiração religiosa ou política, ou a partir da idealização da cidadania.

Nessa mesma lógica é preciso entender ideias como esta: “Se há uma noção aceita por todos hoje em dia, mais do que a de cidadania ou a de fé, é a dos direitos humanos”. Outro aspecto importante, como mediador nos processos educativos, com o respectivo compromisso sociocultural, parte do desejo de ver as pessoas se realizando como sujeitos (DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014). É uma ação mais do que assimilação conceitos, que

poderão ser abstratos e que pouco lhes diz na concretude histórica.

Por exemplo, um jovem que é discriminado por sua cor ou identidade cultural não pode ser apenas esclarecido sobre que é o racismo, mas ele pode se descobrir como portador do desejo de lutar pela garantia de seu direito de realização, superando o que lhe “desumaniza” e também aí poderá passar a ser também defensor dos direitos humanos contra toda forma de preconceito social, como o racismo e tantas outras marcas da negação de direitos e dignidades. Esta dupla dimensão que acompanha o sujeito na sua cotidianidade Follmann (2018) denomina de busca da identidade e processo de alienação. Na concretude da vida que se perceberá capaz de dizer porquê quer ser protagonista de seu agir, como sujeito que contribuirá no momento histórico. De acordo com Boghossian e Minayo (2009)

O termo “protagonismo juvenil” foi se tornando usual referência nesse contexto, catalisando princípios, preocupações e investimento de diferentes disciplinas e atores sociais. Os autores estudados destacam a abrangência do conceito, analisando as diferentes formas como ele vem sendo apropriado e ressignificado. (p.412)

Diante disso, nos colocamos a seguinte questão: pode a escola tornar-se também um campo de atuação na perspectiva republicana e consolidar uma pedagogia social e ambientalmente ancorada? Em certo sentido, ancorada no paradigma da complexidade para garantir um olhar multidimensional da realidade social, com articulação dos conhecimentos?

Para corroborar esta percepção do autor, recorreremos às ocupações das escolas públicas ocorridas em alguns estados brasileiros, entre 2015 a 2017. Nestas experiências um segmento dos jovens alçou à condição de protagonistas e de alguma forma exercitaram a cidadania, uma ação sobre um determinado território, exigindo seus direitos a partir das suas demandas locais. Por sua vez Severo e Segundo (2017) analisaram alguns aspectos da participação juvenil nas ocupações em escolas e procuraram identificar variáveis explicativas para o significado da construção do processo de socialização política.

O que pudemos observar nas ocupações é o crescimento e fortalecimento das dimensões diretamente concernentes ao seu destino, isto é, enquanto um exercício de cidadãos. Os tímidos e inseguros de antes foram substituídos por alunos cientes de que o que estão fazendo é o exercício de sua cidadania e de que assumir o protagonismo de suas demandas é a forma de luta onde “lutar também é educar”, o que marca uma geração de expressão múltipla.

O acompanhamento na educação como processo e na luta pela realização pessoal como descoberta de sujeito de direito, carece de mais um princípio: a reciprocidade. Se lutar também é educar, o inverso também soa sociologicamente como educar é lutar! Ou seja, desafio o significado de se afirmar um sujeito de direitos e as respectivas conflitualidades.

Nesta abordagem está posta uma nítida interface entre o público e o privado, e o

que em certo sentido se pode denominar de “transformações da intimidade”. Assim [...] um relacionamento cuja continuação depende da intimidade. A abertura de um em relação ao outro ... é de algum modo o oposto da identificação projetiva, ainda que tal identificação, por vezes, estabeleça um caminho até ele” (GIDDENS, 1993, p. 72).

É a dimensão da troca mútua de saberes, da partilha da vida e cooperação. A eficácia advém do método onde por princípio se articula um processo coletivo ou grupal. Neste rumo se gera uma capacidade em face da alteridade (encontro do aquele/a que é “outro/a” – diferente de mim). Pois assim exercitam a capacidade de alternar escuta e fala, ser atendido e estar atento. Neste caso se apresenta um aprendizagem quanto à mediação de conflitos, driblando as possíveis expressões de violências, tendo ao mesmo tempo um anseio se este exercício de poder possui no seu limite uma função transitória (MARTINS; MACHADO; FURLANETTO, 2016).

Ao tratar do protagonismo juvenil torna-se um imperativo considerar a dialética da existência social: de um lado a perspectiva do sujeito como autor criativo das relações e de outro a ótica de que cada indivíduo ao mesmo tempo resulta das circunstâncias, dos caminhos disponíveis em sua história. Deste ponto de vista, há que interrogar sobre as fontes de informação que sustentam uma avaliação do cenário e que conformam uma percepção ou um imaginário.

Percebemos nas ocupações que o sujeito e o coletivo caminharam lado a lado, mesmo sem um ativismo organizado estes jovens fizeram uma experiência de uma democracia participativa, de uma ação de conflito e de uma organização grupal em busca dos direitos humanos. Existem algumas especificidades ou dimensões fundamentais que Melucci destaca na abordagem dos movimentos contemporâneos, como redes de ação coletiva operando num sistema de trocas simbólicas. Assim, as grandes mobilizações em sociedades complexas soariam como profetas sem encanto, ou como profetas que enunciam algo à frente do seu tempo, aquilo que está em gestação. “A inércia das velhas categorias do conhecimento pode impedir de ouvir essa mensagem” (Melucci, 2001, p. 21).

Acreditamos, portanto, que a tarefa junto aos estudos de juventudes, dos Direitos Humanos, bem como da participação sociopolítica é, em razão disso, a de descobrir a racionalidade das construções históricas e das concepções subjacentes. Isso porque, acreditamos, é preciso não ceder a tentação projetar conceitos e explicações que nos são caras. Neste sentido, pode compreender diversas faces de um mesmo fenômeno social, Corrochano, Dowbor e Jardim (2018) apresentam facetas² relevantes cuja distinção e associação auxilia na compreensão de relações sociais e seus conflitos inerentes.

As soluções individuais ou de políticas públicas são fruto das provocadas a partir de ferramentas (i)materiais, sociais, políticas e econômicas disponíveis. Ou, dito que outra

2 “Compreensão da juventude como sendo, ao mesmo tempo, uma representação, revestida de significados que variam de acordo com os contextos sociais e históricos e uma condição, vivida de modos diferentes e desiguais a depender da posição social, sexo/gênero, cor/ raça, local de moradia, dentre outros aspectos.(Corrochano, Dowbor e Jardim (2018, p.52)

forma, que as questões das juventudes, sob a ótica dos direitos, só podem ser extrapoladas em uma relação de teoria e prática em que ambas sejam ressignificadas no calor da luta social. Esta ilustração de um debate fundado em contributos da sociologia e da ciência política, sobre as circunstâncias da ocupação dos territórios institucionais como expressão de luta e resistência às mudanças políticas.

A atividade pedagógica foi confirmada em muitas outras instituições educativas, mediante a articulação de grupos de discussão, congregando estudantes que faziam parte das ocupações e docentes. A ocupação das escolas atesta a possibilidade de usos múltiplos do mesmo espaço social, com uma diversidade de experiências enriquecedoras. “A idéia da escola múltipla ... permanece ligada ao tema da integração social, interpretando a socialização em termos de atividades dos indivíduos. É o que tentamos delimitar com a noção de experiência escolar” (DUBET; MARTUCELLI, 1997, p. 261). Motta e Weller (2010) ratificam o nexos intrínseco entre o individual e o coletivo, entre o real e o virtual, subjetividade e inserção social.

Cabe refletir sobre o real conteúdo das experiências juvenis, sobre o que elas informam, sem violar seu caráter individual ou coletivo, suas especificidades de gênero, de geração, de pertencimento étnico/racial, seus lugares ou não lugares em meio a um universo que torna cada vez mais difícil definir o que é real e o que é virtual, o que caracteriza um estilo ou modo de vida local e o que passou a ser incorporado a partir de outras interseções. (p.183).

Na dimensão da reciprocidade é o caminho para ampliação do horizonte da visão de mundo, educando para o respeito e para a gentileza, no encontro como quem é diferente em mim, mas não é ou está distante. O meu problema não é menor ou maior que o problema do outro, e na grande maioria das vezes é o mesmo ou estão em relação. Ao compreender que as realidades são recíprocas cria-se um pacto de grupo, de coletivo e assim o processo amplia-se e possibilita novos aprendizados. E a luta pela realização pessoal passa a ser coletiva. Torna-se capaz de sentir a dor (e alegrias também) das outras pessoas. Por fim, acreditamos que estes conceitos do acompanhamento, do processo e da reciprocidade são questões postas para apropriação de cada indivíduo e organização que deseja lutar e contribuir por cada direito fundamental.

OS JOVENS COMO ATORES SOCIAIS E POLÍTICOS: LIÇÕES DA EXPERIÊNCIA

Como cientista social torna-se primordial traduzir alguns achados que podem ser destacados a partir da pesquisa de campo sobre as percepções da experiência da juventude. Nestas experiências parece importante apontar e delimitar continuidades e rupturas nestas percepções e das conseqüentes ações protagonizadas, que por sua vez parecem sempre referidas a contextos e momentos históricos. As reflexões de Corrochano, Dowbor e Jardim (2018) auxiliam a compreender peculiaridades e especificidades, na medida em que

(...) é a possibilidade de partilha de experiências e vivências comuns que ganha centralidade na definição de uma geração e não o tempo cronológico ou o nascimento no mesmo momento histórico. Desse fato, no entanto, não se pode derivar a necessidade de orientações e posicionamentos comuns. Como sugere Mannheim, ainda quando a virtualidade da posição geracional se efetiva em conexões, não é possível identificar uma unidade em relação à política e à participação: as respostas são, muitas vezes, divergentes e até mesmo opostas, algumas mais “conservadoras” enquanto outras mais “progressistas”, na medida em que atravessadas por outras posições sociais, tais como classe, gênero, raça, local de moradia etc.(p.51)

De outra feita, convém aludir, que diferente de pretensões da racionalidade moderna, onde as relações em sociedade estão pautadas em regras do jogo, alguma forma de barbárie subsiste na visão de mundo de alguns setores sociais na contemporaneidade. Isto ocorre em famílias e em grupos sociais, para além de se situarem na periferia urbana, que admitem linchamento como prática social, a difamação a qualquer custo em seu discurso, ou endossam o justicamento moral ou físico. Os níveis de feminicídio atestam relações de poder assimétrico nas relações intersubjetivas. Quando se ousa apostar no dilaceramento do outro, do diferente interroga-se sobre a educação que se torna factível no ambiente cotidiano. Acima de tudo, estas práticas que abdicam da negociação como prática diante das divergências, soam como nítidas evidências de uma crise social, cultural e moral profunda, ou estampa anomia. Porquanto, sintetiza-se como uma incapacidade para criar e abraçar normas socialmente reconhecidas para enfrentar as adversidades por meio de processos de negociação e assim resolvê-las no marco de valores da civilização que aposta na democracia como valor universal.

Com as interfaces familiares, entre outras, os/as jovens produzem um perfil estético e se produzem com uma tipologia de relacionamentos, reiterando um conjunto de práticas sociais cotidianas. Neste interim, as relações são constituídas como poder de ser e fazer e igualmente está manifesto o processo de constituidoras de identidades ou capacidades e de relações de poder. As práticas e as relações sociais adquirem significado para o reconhecimento de territórios como espaços públicos ou privados. Para além das fronteiras familiares e ao mesmo tempo em interação com estas, adquirem sentido as interfaces com instituições sociais que permeiam o cotidiano como as instituições de ensino, associativismos, formas de lazer e consumo, práticas culturais (músicas, adornos, danças, roupas, rituais, equipamentos), uso de substâncias (i) lícitas, órgãos de segurança pública, entre outros. Nesta complexidade de fluxos se forjam identidades performadas e que por sua vez compreendem as escalas do tempo passado, presente e futuro, ao mesmo tempo se consolidam relações histórico-culturais entre atores variáveis.

Uma das vinculações que se produz no marco da socialização juvenil, de acordo com Castro e outros (2004), é entendida como processo sociocultural de transmissão de valores, autoestima, normas, reconhecimento do outro e costumes a partir da sociedade adulta, às novas gerações. Estas possibilidades são aventadas e implantadas com o

objetivo de assegurar a reprodução biológica e social, por meio de agentes socializadores, em que se destacam a família, o sistema escolar, os grupos de jovens e os meios de comunicação. Esta perspectiva sumariza uma abordagem, todavia este é apenas um lado ou um olhar possível. No nosso caso é insuficiente pois que se quer também destacar o sujeito, do movimento, da participação e da contestação. Assim endossamos uma ótica denominada de dialética, da dinâmica social, do movimento.

Tradicionalmente, ainda segundo as mesmas autoras, a família tem sido o principal agente socializador, concentrando inclusive interfaces ligadas à educação básica. Contudo, com o correr do tempo e no andar dos processos de modernização social, ao mesmo tempo em que as famílias perderam profundas transformações, afetando a estabilidade e o modelo nuclear, foi-se dando espaço a esquemas múltiplos de famílias diversas (completas e incompletas), onde os adultos participam no mercado de trabalho de forma integral. Por estes caminhos, as famílias foram perdendo a gravitação nos processos de socialização, cedendo lugar à influência ascendente de outros agentes, como o sistema educativo (que não sabe como cumprir suas funções socializadoras além das fronteiras da transmissão de saberes) e os meios massivos de comunicação, as novas tecnologias e os jogos digitais, bem como influências de modelos conservadores de religiosidades. A pluralidade é enfatizada por autores quando traçam conexões entre formas de socialização e o sistema escolar.

A socialização designa o duplo movimento pelo qual uma sociedade se dota de atores capazes de assegurar sua integração e de indivíduos, de sujeitos suscetíveis de produzir uma ação autônoma. De imediato, a socialização é definida por uma tensão situada no centro de diversos debates sociológicos, mobilizando, de uma só vez, representações do ator e representações do sistema social. (DUBET; MARTUCCELLI, 1997, p. 242)

Algo parecido ocorreu — a partir da família e do sistema educativo— com a irrupção dos meios massivos de comunicação, em particular da TV e as redes sociais, na socialização juvenil. Em poucas décadas passaram a exercer uma influência decisiva, competindo com as famílias no seio do próprio lar, com o sistema educativo formal, e desenvolvendo métodos e instrumentos atrativos para os jovens, como valores e normas diferentes, até contraditórios, com os que emanam da família e do sistema educativo formal. O sistema educativo não soube resolver, até hoje, está crescente e desafiante competição, a qual se agregam os conteúdos das redes sociais de informática que não conseguiram incorporar, massivamente, estes meios à dinâmica cotidiana, como instrumentos de grande potencialidade para o desenvolvimento de seus próprios fins.

Aqui é o momento de problematizar as consequências ideológicas das inserções num emaranhado de tecnologias digitais no cotidiano e ao mesmo tempo considerando-se o acesso as estas ferramentas mantêm os jovens ainda carentes de saberes próprios das relações sociais complexas. Ao proporcionar o acesso ao conhecimento produzido e/

ou difundido pelas redes sociais impulsiona a comunicação e a ampliação de redes, ao mesmo tempo modificam-se as percepções quanto às formas com que as reivindicações dos sujeitos alçam a dimensão coletiva e um espaço próprio de negociação política.

Não há coletivo sem grupo. E o/a jovem participa de algum grupo? Eles vão falar do grupo do Grêmio Estudantil (14,7%), do grupo de Igreja (13,3%) e não muito mais. 1% “se atreve” a falar de partido... Resultado: 69,3% não participa, embora o questionário tenha dito que poderiam pertencer 1. a uma associação comunitária (5 adolescentes disseram que sim); 2. a uma associação esportiva, recreativa (11 disseram que sim); 3. a um grupo artístico (cinco disseram que sim); 4. a um grupo da ecologia nove disseram que sim); 5. a um grupo religioso (onze disseram que sim); 5. a grupos de trabalhos voluntários (11 disseram que sim); de movimento negro, indígena, grupo de opção sexual, de um grupo feminista, de partido político. Dos jovens 13 participam de algum partido político; 85 dizem que não gostam de política; 9 dizem que não chegou a hora deles; e 103 afirmam que procuram obter informações. O questionário apontou sete siglas de instituições e perguntava se sabia o que significavam (questão 49). As siglas de instituições sabidas são “Políticas de Cotas” e “ONG Greenpeace” não muito mais, nem o que seja FMS e ECA. Isto revela algo da experiência individual e coletiva na medida em que se constroem como sujeitos da história, por mais que mantenham relacionamentos contraditórios com a instituição escolar na feição de política pública.

Por sua parte, os denominados “grupos de pares” cumpriram em muitos momentos da história um papel decisivo na socialização da juventude e constituem um dos poucos agentes propriamente juvenis que sempre cumpriram um papel decisivo na socialização da juventude e constituíram um dos poucos agentes propriamente juvenis escassamente controlados pelos adultos. Neste sentido, Mannheim (1982, p. 61) adverte que “só um âmbito de vida histórico-social comum possibilita que a posição no tempo cronológico por causa do nascimento se faça sociologicamente relevante”

Resulta, contudo, difícil identificar um signo predominante de incidência nas gerações jovens porque a constituição dos grupos é heterogênea (movimentos estudantis, grupos informais, grupos heterogêneos, movimentos juvenis), influenciados pelos meios massivos de comunicação, sob diferenças internas. Ao que tudo indicar neste caso a regra privilegia a diversidade em sentido histórico. Corrochano, Dowbor e Jardim (2018) destacam a reinvenção da democracia e uma perspectiva ideológica no processo de socialização.

Procuramos ponderar os significados daqueles dias a partir da articulação entre transformações estruturais que marcaram a história do país desde a transição democrática e a socialização juvenil para o mundo público em diferentes espaços como a escola, a cidade, o trabalho e a cultura. Conferimos destaque para as conexões que parecem ter sido criadas em torno de uma agenda progressista, de consolidação e ampliação de direitos sociais e civis. (p.59)

Para inventariar algumas práticas socioculturais e de opções políticas de setores juvenis as escolhas são bem diversas, sempre dependendo do interesse e da seleção operada pelo pesquisador. Neste sentido, na presente investigação também se perguntou sobre o endosso de uma religião, cujas mudanças em curso são objeto de polêmicas entre os próprios pesquisadores e acadêmicos.

O conjunto de dados empíricos em apresentação tem sido coletados por meio de respostas a um questionário destinado à amostra de estudantes do ensino médio. No total 32% se afirmam católicos; enquanto 22,6% se dizem luteranos ou protestantes; ao mesmo tempo 4% são da umbanda, o fato é que 38% não responderam nem dizendo que não tinham religião, mas 62% afirmaram sua crença. Contudo, numa resposta geral 56,7% dos indivíduos não frequentam religião, mas ainda não significa que não possuam crença. Entre os respondentes os evangélicos são os mais assíduos praticantes, os mais assíduos nos encontros comunitários/religiosos. Em percentagem, 16% dos católicos e 20% dos adolescentes luteranos e/ou protestantes frequentam regularmente a vivência religiosa de sua igreja. Os dados atestariam um desencantamento do mundo como um processo de racionalização das relações sociais ou da vida, ou ainda uma modernização cultural (NOBRE, 2004).

As experiências de participação política e em outras instâncias associativas/coletivas como o espaço em que o jovem participa são aludidas por meio das percepções a respeito delas por parte de seus integrantes. Ou seja, como socialmente percebem o seu estar inserido em relações sociais.

Sobre as circunstâncias e as discrepâncias Souto (2016, p. 276) afirma que “ao avaliar o grau de associativismo juvenil, novamente nos deparamos com o descompasso entre valor atribuído e engajamento em uma determinada frente de ação”. O desencantamento pode ter uma significação técnico-científico que se instaura e “adquire uma expressão radicalmente anti-religiosa, ao se dispensar qualquer justificativa ética para o mundo” (NOBRE, 2004, p.163). O desencantamento pode também advir de uma decepção das promessas não cumpridas, no campo político pela democracia, no campo científico na medida em que tecnificação não removeu históricas desigualdades e iniquidades.

Junto com receber variadas influências dos campos sociais, os jovens anseiam incidir na dinâmica societal de estratégias e táticas (Certeau, 2011) diversas, procurando constituir-se como atores sociais e políticos ou erguendo diversas formas de expressão simbólica e publicização de identidades, bem como testando mecanismos para difundir-las ao conjunto da sociedade. Contudo, a parte mais significativa das maneiras que este afã de mudanças e participação juvenil, assumiu como processo histórico, caracterizou-se por sua transitoriedade, alternando períodos de protagonismo e visibilidade política com outros, cuja explicitação é a de retração e invisibilidade (CASTRO; ABRAMOVAY, 2003). Em outros termos, o paradoxo contemporâneo está presente, ora o afã de afirmação de identidades, ora a feição da alienação (Follmann, 2018).

Os jovens têm estado presente nas mobilizações sociais, demonstrando interesse em visualizar espaços em que tenham participação em ações políticas, cuja visibilidade é motivo de controvérsia acadêmica e social, especialmente em confronto com dados de comparecimento eleitoral (RUIZ, 2017). Diversos estudos tem explorado as vias para identificar o desempenho da cultura política em face de práticas sociais adotadas num determinado contexto histórico.

É provável, além disso, que seja esta a razão porque, nos últimos tempos, tenham proliferado as denominadas “tribos” juvenis, como territórios onde os jovens se entrosam e se percebem mais cômodos e confortáveis em meio a uma dinâmica societal percebida como repressão e hostilidade (CASTRO; ABRAMOVAY, 2003). O tema é tão complexo como relevante, dado que, no fundo, se trata da participação juvenil dentro das regras do jogo das práticas sociais ou alienados das relações predominantes, o que constitui, seguramente, a chave de explicação da dinâmica juvenil e das políticas públicas setoriais. O quadro 1 explicita mudanças na participação juvenil. Avritzer (2012, p. 12) vai denominar “a participação institucionalizada, isto é, a participação em instituição prevista em lei, que determina políticas públicas nos três níveis de governo e que contam com a participação de representantes da sociedade civil”. Neste debate é fundamental reconhecer as interfaces entre atores sociais e a esfera estatal.

REFERÊNCIAS

AVRITZER, Leonardo (org.). Experiências nacionais de participação social. São Paulo: Cortez, 2009.

CASTRO, Mary G.; ABRAMOVAY, Miriam. Por um novo paradigma do fazer políticas: políticas de/para/ com juventudes. Brasília: Unesco, 2003.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORROCHANO, Maria C.; DOWBOR, Monika; JARDIM, Fabiana AA. Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? *Laplage em revista*, v. 4, n. 1, p. 50-66, 2018.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L.. Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 8, 2014.

DUBET, François; Martuccelli, D. A socialização e a formação escolar. *Revista Lua Nova*, n.40-41, p.241-266, 1997.

MELUCCI, A. *O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

FOLLMANN, José Ivo. Ideologia, Identidade e Alienação: um olhar sobre processos chaves na sociedade brasileira, em diálogo com o pensamento de Jessé Souza. In: FOLLMANN, J.I. (Org) *Dialogando com Jessé Souza*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018, p. 149-166

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1993

GROPPO, LuisAntonio. *Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

_____. *Introdução à Sociologia da Juventude*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

HAHN, Noli B. A questão do Sujeito e o Sujeito em Alain Touraine. *Revista Direitos Culturais*, v. 3, n. 4, p. 177-188, 2008.

MARTINS, Angela M.; MACHADO, Cristiane; FURLANETTO, Ecleide C. Mediação de conflitos em escolas: entre normas e percepções docentes. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n. 161, p. 566-592, 2016.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: Movimentos Sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTTA, Alda B.; WELLER, Wivian. Apresentação: a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Sociedade e Estado*, v. 25/2, p. 175-184, 2010.

NOBRE, Renarde F. Entre passos firmes e tropeços. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 54, p. 161-164, 2004.

RUIZ, Juan D. C. Jóvenes y cultura política: una aproximación a la cultura política de los universitarios de Bogotá. *Reflexión Política*, v. 19(38), 2017, p. 58-72.

SEVERO, Ricardo G.; SEGUNDO, Mário A. C. Ocupatadores: socialização política entre jovens estudantes nas ocupações de escolas no Rio Grande do Sul. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 19, n. 1, p. 73-98, 2017.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 2, 43, 128, 134

Africanidades 38, 42, 43, 44, 46, 48

Alteridade 16, 54, 113

América Latina 3, 4, 14, 81, 84, 163, 169, 180, 181, 185, 187, 188, 190, 238

Antropologia 128, 130, 135, 138, 179, 195, 207, 235, 236

Arquétipos 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 134

Artes 60, 101, 114, 116, 117, 120, 125, 127, 178

C

Comunicação 57, 58, 63, 64, 69, 70, 126, 138, 142, 148, 150, 154, 156, 159, 161, 166, 181, 186, 190, 192, 194, 195, 207, 245, 260

D

Democracia 29, 37, 41, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 75, 79, 185, 224, 227, 254, 256

Dialética 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 54, 57, 113, 161

Direitos das Mulheres 73, 77, 79, 81

Direitos Humanos 16, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53, 54, 74, 78, 183, 191, 193

Discurso 4, 50, 56, 62, 63, 64, 72, 87, 92, 113, 127, 133, 147, 150, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 217, 224, 227, 254

Diversidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 41, 42, 47, 55, 58, 63, 65, 68, 71, 79, 109, 150, 158, 163, 164, 198, 211, 239, 243

E

Educação 5, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 61, 62, 63, 71, 72, 73, 75, 76, 83, 85, 91, 106, 122, 199, 202, 204, 220, 224, 236, 246

Emancipação Feminina 73

Ensino 15, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 38, 39, 41, 43, 48, 50, 56, 59, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 71, 90, 102, 104, 114, 125, 199, 208, 210, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Escola 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 58, 62, 68, 71, 78, 90, 112, 147, 149, 179, 209, 210, 220, 221, 222, 223, 224

Estigma 116, 132, 134, 135, 138, 167, 170, 171, 176, 177, 178

Ética 11, 16, 19, 23, 24, 59, 83, 84, 103, 149, 178

Etnografia 38, 43, 48, 130, 135, 136

Eugenia 140, 146, 150

F

Formação Continuada 62, 63, 64, 65, 71

Fronteiras 56, 57, 72, 194, 200, 201

G

Geografia 147, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 243

H

História 1, 2, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 34, 38, 40, 41, 42, 47, 54, 58, 61, 78, 80, 84, 89, 99, 114, 120, 122, 125, 134, 140, 141, 150, 161, 169, 185, 186, 187, 196, 197, 200, 202, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 235, 236, 240, 241, 248, 249, 256, 257, 258, 259

Homossexualidade 128, 131, 132, 133, 134, 138

I

Idosos 204

Inconsciente Coletivo 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126

Integração Social 55

J

Jornalismo 140, 195

Juventudes 49, 50, 54, 55, 60, 61

L

Ludicidade 38, 41, 42, 43, 46, 48

Lugares de resistência 38

M

Masculinidades 137

Movimento Migratório 180

Movimentos Feministas 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 83

N

Negritude 115, 128, 130, 131, 134, 149, 246

O

Outsiders 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Patriarcado 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84

Pedagogia do teatro 114

Periódicos 126, 140, 141, 143, 145, 148

Plantas Medicinais 85, 86, 89, 90, 96, 97, 98, 99

Pobreza 3, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 34, 36, 37, 180, 189, 192

Propriedade da terra 226, 228

Q

Quilombo 142, 143, 234, 236, 237, 238, 239, 242

R

Racismo 32, 39, 40, 41, 47, 48, 53, 64, 104, 130, 131, 132, 133, 137, 140, 147, 148, 173, 246, 248, 257

Refugiados 180, 182, 183, 184, 185, 192, 193

S

Saúde 4, 5, 28, 31, 73, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 116, 150, 160, 163, 169, 170, 179, 180, 181, 190, 191, 204, 205, 206

Serviço Social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Situação de rua 16, 17, 21, 22, 23, 24

T

Temas transversais 28, 208, 221, 222, 223

Teoria Marxiana 1

Território 22, 53, 104, 123, 146, 183, 184, 191, 200, 201, 202, 223, 225, 229, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248, 252, 254, 255

V

Violação 16, 17, 21, 23, 26, 148, 183

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 